

DA COLECCÃO MONETÁRIA DE MR. SHORE

POR LUÍS PINTO GARCIA

De entre as colecções célebres, dispersadas pelos leilões ou por cedências totais ou parciais, nestas cinco décadas do nosso século, ressaltam, entre tantas, e todas elas valiosas, a do súbdito britânico, que tantos anos viveu entre nós, Robert Alexander Shore. Levado pelo espírito coleccionista português do tempo em que se fixou no país ou já trazendo consigo, da nação de origem, o gosto de «amateur», Robert Shore pôs, durante anos e anos, o maior entusiasmo na aquisição de espécimes monetários que ia juntando em quantidades inumeráveis. Comprava em Portugal e no estrangeiro, tudo levando a crer que muitíssimas moedas provieram dos «experts» britânicos e holandeses. Um exemplar do catálogo da importante colecção de moedas coloniais de Grogan, feito e editado por J. Schulman, que há anos passou pelas nossas mãos, deu-nos a impressão que a maioria esmagadora das valiosas moedas coloniais portuguesas, principalmente da Índia e Malaca, foram adquiridas por R. A. Shore.

As portuguesas e coloniais reunia as gregas, romanas, ibéricas e bárbaras. Ignoramos se se dedicou à britânica, vastíssima desde a *Roman Britain* até às inúmeras emissões de e para o Ultramar. Presumimos, por uma notícia que correu após a sua morte, que coleccionou moedas estrangeiras. Espanholas coleccionou, como se prova mais adiante.

Sempre as magníficas e interessantes séries portuguesas atraíram a atenção de bastantes estrangeiros, mesmo não vivendo em território português. Honrando sobremaneira as espécies e o coleccionismo nacionais, reuniram, alguns, medalheiros famosos. De César Famin a Edward Niepoort medeiam edificantes e invejáveis exemplos.

O temperamento especial de Robert Shore não permitiu nunca ao público numismata tomar conhecimento do seu monetário. Um círculo

apertado de segredo o rodeou sempre, correndo fama que só um português, velho amigo, o conhecia, havendo-o, até, enriquecido com bastas numismas indo-portuguesas que trouxera do Oriente.

Ao seu labor de comerciante juntou Shore o maior entusiasmo pela Numismática, mas tudo, sempre, debaixo do mais hermético sigilo.

A dispersão que logicamente, iamós a dizer misteriosamente, sucedeu depois da sua morte, não deu a ninguém oportunidade de fazer uma ideia de conjunto do que se supôs ser uma das maiores colecções reunidas em Portugal.

Conhecemos Mr. Shore quase octogenário. Tratávamos, então, de obter, para uma pessoa da nossa família, o decalque dum raro *triente* visigodo que alinhava, entre tantas moedas dignas de estudo, na sua colecção. Havia já sido trocada correspondência entre essa pessoa e o velho inglês e, tendo sido num determinado dia procurado por nós, tivemos que retirar, e com bastante arrefia, sem termos conseguido o nosso intento!

Resolveu aquele nosso familiar tratar pessoalmente do assunto e alcançar aquilo que tanto ambicionava, o difícil decalque, aliás já prometido. Dirigindo-se ao escritório de Mr. Shore, esteve a princípio convencido que a sua diligência teria successo igual ao da anterior. O grande amor aos seus estudos predilectos, o interesse pela sua prossecução e um maior espírito de decisão fizeram-no teimar. E, teimando, venceu. Mas só depois de prolongado diálogo e de ter demonstrado, com forte poder de persuasão, as suas honestíssimas e pacíficas intenções de investigador. Mr. Shore condescendeu em deixá-lo entrar e obter o almejado decalque!

Dão estes pitorescos incidentes ideia da torre de marfim em que se escondia a colecção que, estamos quase disso convencidos, nenhum dos coleccionadores vivos chegou a conhecer, como se diz acima, verdadeiramente em todo o seu conjunto.

Mr. Shore, vassallo de Sua Majestade Britânica, ombreou com muito cidadão da pátria portuguesa no segredo das suas colecções. Temperamentos individuais muito semelhantes ou psicose epidémica de certa época, o que é certo é que se irmanavam naquele fenómeno que, algures, epitetei de numismotafia.

É doença a que a terapêutica dos ares lavados dos dias de hoje se tem aplicado com certa eficiência, e casos idênticos já vão sendo raros, para gáudio dos numismologistas e estudiosos e para lucro apreciável da cultura.

R. A. Shore, nascido em Birmingham, em Setembro de 1859, veio

a falecer em Lisboa, onde permanentemente residiu, em 1 de Março de 1939.

Pedro Batalha Reis dá-nos, do falecido, um esboço biográfico em *O Numismata Robert Shore* (1) — Lisboa — 1943.

*

* *

A notícia da sua morte foi-nos participada por outro estrangeiro, o incansável investigador austríaco Wilhelm Reinhart, que, então, na capital portuguesa, continuava na pista de documentos e peças monetárias para os seus valiosos trabalhos, que depois publicou, sobre os numárias visigodas e sueva.

Ocasionalmente em Lisboa soubemos que não se conhecia com exactidão o paradeiro da sua suposta importantíssima colecção! Dizia-se que as séries áureas estavam depositadas nos cofres do Monte-Pio Geral, aguardando-se a chegada dum irmão, residente em Londres, para o seu levantamento. e que as outras, constava, haviam sido vendidas pouco antes da sua morte.

E nunca o mistério, se mistério houve, se desvendou.

Com o decorrer dos tempos soube-se do destino de muitas peças. Muitos dos adquirentes só tarde souberam da origem das moedas que haviam comprado. Pôs-nos um, generosamente, as suas aquisições às ordens e fomo-nos encontrar perante um muito apreciável conjunto de belas peças portuguesas de prata e bilhão, denários ibéricos, romanos consulares e imperiais e um não menos formoso e numeroso conjunto de Grandes Bronzes. Não comprámos tão apreciadas séries por uma mera questão de preço. E que arrependimentos não nos têm assaltado por tal irreflexão, se assim podemos definir o nosso gesto de há anos! Mesmo assim fizemos, nessa altura, a aquisição que mais satisfação deu ao nosso amor próprio de coleccionador. Passámos a possuir desde então o que se pode definir como a estrela de primeira grandeza duma grande constelação monetária. Nada mais nada menos do que um *decadrama* de Siracusa, a moeda que é a ambição dos grandes coleccionadores estrangeiro de moedas gregas! Assaltou-nos, por vezes, a impressão de que se

(1) Palavras de evocação do falecido lidas em sessão da Associação dos Arqueólogos Portugueses e que foram publicadas posteriormente sob aquele título.

tratava de uma contrafacção de extraordinária beleza para nos convencer diabòlicamente duma autenticidade insofismável!

Moeda de suprema importância na Numária Helénica prendeu-nos sempre a atenção em todos os momentos, mormente naquele em que a magia do contacto com as peças do nosso modesto numofiláceo nos ligava mais forte e intimamente aos estudos da História Monetária. Tentando sempre, mas em vão, investigar o caso com o auxílio dos tratados básicos e com as opiniões dos especialistas de além-fronteiras, só últimamente, por intermédio de gesso obtido pelo molde em plasticina, tivemos a oportunidade feliz de ouvir a opinião altamente esclarecida de Sua Alteza o Príncipe de Láscaris Comneno, competente numismatologista e bizantinologista e perito nas difíceis e complicadas séries gregas e bizantinas, desconhecidas, para não dizer quase interditas, em Portugal. Trata-se de um valiosíssimo e raríssimo espécimen, sem assinatura, de tipo Evainetos, dos últimos cunhos deste artista, de que, segundo o *Corpus* de Gallatin, só há 18 exemplares conhecidos no Mundo e, ao que parece, com forte presunção, nenhum na Península.

Um outro coleccionador, que nos honra com a sua amizade, veio a adquirir tal soma de numismas indo-portuguesas, que goza fama e o proveito de, no momento que passa, e com outras aquisições, conseguiu através de laboriosos esforços, possuir a primeira colecção do Oriente Português. Devemos dizer que não conhecemos, nem bem nem mal, a nossa primeira colecção oficial e, por isso, pode haver exagero na apreciação que deixamos feita sobre tão importante conjunto particular. Que nos perdoem os numes da Numismática!

Um outro facto que chamou a atenção do nosso restrito mundo numismático foi a quantidade extraordinária de moedas que surgiram posteriormente, para venda, na Feira da Ladra, que não passou despercebido mesmo ao amator bric-a-braquista lisboeta, alheio à especialidade da *res numaria*. Proliferaram, a preços sem competência, milhares de denários consulares e, entre outros, ainda, inumeráveis bilhões dos primeiros tempos das monarquias espanholas! É o acontecimento, que apenas parecia tomar foros de importante pela exuberância do número, absolutamente inédito no comércio da especialidade, ficou, no entanto, ligado à memória da colecção Shore por ter simultâneamente corrido o boato de que tal maná provinha da mesma.

*

* *

Encaminhou-se finalmente para Londres, em data que não podemos precisar, mas, de certeza, logo após o esclarecimento sucessório, a coleção de ouro, que se supõe ser a que esteve à guarda do Monte-Pio. Oferecida para venda ao Itamaraty, presumivelmente por intermédio dos agentes dos herdeiros no Brasil, acabou por ser entregue, para catalogar e leiloar, à conhecida e acreditada casa britânica Glendining & Co., de Londres, que a submeteu ao público comprador nas tardes de 16, 17, e 18 de Julho de 1945, ⁽¹⁾ tendo-se, para o efeito, publicado o *Catalogue of the famous collection of Portuguese, Brazilian and Portuguese Colonial coins formed by the late R. A. Shore, Esq., of Lisbon*.

A rádio londrina deu em primeira mão a notícia e, dias depois, a imprensa portuguesa fazia-se eco do acontecimento, ⁽²⁾ não esclarecendo nem uma nem outra a origem de tão importante acervo monetário.

Façamos, com carácter perfunctório, uma rápida análise à composição da matéria do catálogo, do qual saíu ainda uma edição com preços. Tem ele 46 páginas, com a enumeração de 626 ⁽³⁾ rubricas e 774 exemplares ⁽⁴⁾, todos de ouro, ⁽⁵⁾ e está enriquecido com 15 estampas, ⁽⁶⁾ tendo 294 gravuras completas. Dividimo-lo em 5 partes.

Na primeira, leiloadada no primeiro dia e em parte do segundo, desta-

(1) O catálogo anunciava a venda para as 13 horas dos dias 25, 26 e 27 de Junho, sendo a demora, que levou ao adiamento para Julho seguinte, devida às dificuldades da publicação das gravuras.

(2) *Século* de 17 de Julho de 1945: «Londres, 16. — Uma moeda do reinado de D. João V, de Portugal, foi hoje vendida em Londres por 235 libras. A moeda tinha o busto do rei e as armas de Portugal, com a coroa real. Uma moeda de D. Fernando. — 1367 a 1383 — cunhada em Lisboa, foi comprada por 130 libras. Tinha a cabeça do rei, com coroa, e as armas de Portugal. Uma moeda de D. Manuel — 1495 a 1521 — alcançou o preço de 35 libras. Tinha os dizeres «Etiópia, Arábia e Pérsia», com as armas e coroa de Portugal numa face, e a cruz de Cristo, na outra. — (R.)».

(3) Diz a última respeito a um medalheiro de mógnio.

(4) Batalha Reis, *opus cit.*, afirma que, após a sua morte, se apurou que o número de moedas ascendia a 870.

(5) O título do frontespício do catálogo é mais elucidativo e reza assim: «Catalogue of the famous collection of Portuguese, Brazilian and Portuguese Colonial gold coins formed by the late R. A. Shore, of Lisbon».

(6) Trazem, por equívoco, a legenda «The Shaw Collection».

cam-se 2 *Morabitanos* de D. Sancho I, uma *Dobra-pé-terra* ⁽¹⁾ de Lisboa e 3 *Dobras Gentis* de Lisboa, de D. Fernando, 1 *Cruzado* híbrido de D. Afonso V e D. João II, 2 *Justos*, um dos quais do Porto, muito raro, um *Português* de D. Manuel e outro de D. João III e ainda deste soberano um *Cruzado Calvário* com as armas entre R-P.

Seguem-se 4 *S. Vicentes*, um deles do Porto, 2 *Meios S. Vicentes*, e 2 *Engenhosos*, um datado, de D. Sebastião, 500 *Reais* de D. Henrique, 500 *Reais*, de 1582, de Angra e com a contramarca do açor, de D. António, e 2 exemplares de *Quatro Cruzados* de Filipe I.

Na representação do princípio da dinastia de Bragança destacam-se 2 exemplares de *Quatro Cruzados*, de 1642, e *Dois Cruzados*, da mesma data, de D. João IV, *Dois Cruzados*, de 1663, de D. Afonso VI e 4.400 *Réis*, de 1669 (3 exemplares, dois dos quais com a esfera), 2.200 da mesma data (2 exemplares um deles igualmente com a esfera), *Moedas* de 1677, 1678, 1680, e 1681 (2 exemplares), *Meias Moedas*, das mesmas datas, e *Quartinhos* de 1678, 1679, 1681 (2 exemplares) e 1683 de D. Pedro como Príncipe, excepto a última.

O reinado de D. João V está exuberantemente representado. Destacam-se, entre outras, o precioso ensaio da *Dobra de 16 Escudos*, de 1731, vendida por 235 libras (aquela a que a notícia dos jornais faz referência em primeiro lugar), *Duplas Peças* de 1724, 1725, 1726, 1727, 1728, 1729, 1730 e 1732, a conhecida e rara série de 1722 com a letra monetária L, *peça, meia, quarto* (3 exemplares) e *oitavos de peça, 4.000 Réis*, de 1747, com a legenda IO. ANNES. V D G PORT. E. T. A. L G RE. X, do Porto, outros de 1713 e 1714, *Peças* de 1724, 1725, 1726, 1727, 1728 e 1731, notável pela beleza do seu reverso a de 1726, o pouco vulgar *Meio Escudo* de 1723, e o *Pinto* de 1717.

Deparam-se seguidamente um *Escudo* de D. Maria I, de 1787, com véu de viúva, o *Pinto* de 1807 de D. João P. R., uma *Peça* de D. João VI, de 1821, e os *Pintos* de 1818, 1819, 1820 e 1821, *Peças* e *Meias Peças* de D. Pedro IV e D. Miguel, uma raríssima *Peça*, de 1833, de D. Maria II, do mesmo tipo da de 1834, e o *Décimo de Coroa*, de 1879, de D. Luís, que falta nas melhores colecções.

(1) A que Batalha Reis, *opus cit.*, faz referência, mostrando a sua alegria em saber que, entre outras magníficas numismas, ficava em Portugal, bem como um *Meio Real*, de D. João I como Regedor e Defensor do Reino, o *Meio Real* como Rei com a cruz de Avis e «... determinado *Cinquinho* de D. João II, o *Cruzadinho* de D. João V de Minas Gerais, o *Meio Português* de prata de D. Manuel...».

A segunda parte, enorme, envolve o Brasil. Começa com *Quatro Cruzados* (3 exemplares), de D. João IV, com 4, 4.400 e esfera coroados, *Quatro Cruzados* de D. Afonso VI, de 1663, com 4.400 e esfera, e *Cruzado*, do mesmo soberano e idêntica data, com 1.100.

À representação de D. Pedro II, em que se destaca um exemplar de *4.000 Réis*, de 1700, com a estranha contramarca M, segue-se a numerosíssima de D. João V: *4.000 Réis* do Rio, de 1707, 1708, 1710 e 1712 (2 exemplares) e dois *Cruzados Novos* da mesma oficina, de 1730 (única data conhecida), um dos quais carimbado com o escudete, extraordinariamente raros; *4.000 Réis*, da Baía, de 1714 e 1715 e *Quartinhos*, da mesma oficina, de 1714, 1715, 1717, 1719, 1721, 1722, 1723 e 1724, De Minas figuram um *Dobrão* de 1725 e outro de 1726 contramarcado com as armas nacionais, *Meios Dobrões* das mesmas datas, *Moedas* de 1724, 1725, 1726 e 1727, *Meias* de 1725, 1726 e 1727, *Quartinhos* de 1724, 1725, 1726 e 1727 o primeiro carimbado com escudete, *Duplas Peças* de 1727, 1728, 1729 1730, 1731, 1732 e 1733, *Peças* de 1733 e 1732 (2 exemplares), *Meias Peças* de 1730 e 1732, *Escudos* de 1727, 1730, 1731, 1732 e 1733 e *Meios Escudos* de 1727, 1728 e 1737.

Continua brilhantemente com *Duplas Peças* de 1729 e 1732, *Peças* de 1727 e 1729, entre as principais, *Meia Peça* de 1727 (2 exemplares), *Escudos* de 1727, 1728, 1729 e 1730 e *Meio Escudo* de 1727, do Rio, e *Duplas Peças* de 1727, 1730 (2 exemplares) e 1732, *Peças* de 1727, 1728, 1729, 1730 (data não conhecida), 1734, 1735, 1736, 1737, 1739, 1740, 1741, 1742, 1744 e 1745, entre outras, *Meias Peças* de 1727, 1747 e 1750, *Escudos* de 1727, 1729, 1732, 1736, 1744 (2 exemplares) e 1749 e *Meios Escudos* de 1727 (2 exemplares), 1729, 1736, 1740, 1741 e 1747, todas da Baía.

Avultam depois a *Meia Peça* de 1768 e *Meios Escudos* de 1752, 1757, e 1767, da Baía, de D. José; *Meia Peça*, de 1782, do Rio e *Escudo*, de 1784, da Baía, de D. Maria I e D. Pedro III; *Peça* do Rio, de 1786, de D. Maria I (com véu de viúva); e *Peça* de D. João VI, do Rio, de 1820.

Termina esta parte com os *6.400*, do Rio, de 1824, de D. Pedro I, que foi adjudicado por 55 libras, e 4 espécimes que circularam nas Índias Ocidentais, a saber: *Peça (Half-Joe)* de D. João V, de 1742, com a contramarca 22 sobre uma águia (22 libras), *Peça* de 1743, da Baía, do mesmo soberano, e *Peça* de D. José, de 1755, do Rio, com idênticas contramarcas, todas para a circulação na Martinica, e, finalmente, a *Peça* de D. Maria I e D. Pedro III, do Rio, de 1784, com 22 H e cabeça barbada ou carranca (22 florins), para a ilha de S. Martinho.

Na terceira parte encontram-se 4 barrinhas de $2\frac{1}{2}$ *maticais* e uma de $1\frac{1}{4}$ *de matical*, de D. Maria II, de Moçambique, e várias da Índia, entre elas um *Pardau S. Tomé* de D. João III, um *S. Tomé de 12 xerafins* de 1840, de D. Maria II, e um pouco vulgar *S. Tomé de 5 xerafins*, de Diu, de D. João V, de 172? (mal classificado no catálogo).

Estão anexos um *Escudo* sul-americano, de Fernando VII, de 1812, contramarcado com as armas nacionais portuguesas (de que possuímos o decalque), *Meio Escudo* de D. José, de 1759, da Baía, e *Meio Guineu* de Jorge III de Inglaterra, ambos com o carimbo M, bastante duvidoso.

A quarta parte, pequena, engloba o seguinte misto monetário: 3 *gadianicas* ou *gadianacas* dos Kadambas de Goa, uma *Dobra de Excelentes*, um *Excelente* de Fernando e Isabel e uma *Dobra de Banda* de D. João II de Castela, as três contramarcadas com o açor, e uma *Meia Onça* de Filipe IV com a contramarca MR (Moçambique).

Temos por fim a quinta parte, com um pequeno conjunto germânico, em que alinham um *triente* suevo-lusitano, e *trientes* visigodos de Recaredo, de Elvora e Hispalis, de Suintila, de Emerita e Eliberis, de Chintila, de Emerita, de Chindasvinto, de Narbona (cunho de Becker), de Recesvinto, de Cordoba, de Ervígio, de Toledo, de Egica e Witiza, de Toledo (2 exemplares) e de Emerita, de Rodrigo, de Toledo (falsa) e ainda *trientes* de Leovigildo, de Cordoba e de Chintila, de Emerita (2 exemplares), duvidosos segundo o parecer do próprio organizador do catálogo.

Vendidas a preços muito baixos rendeu o total a quantia de 7.248 libras, 18 xelins e 6 dinheiros ou, em moeda portuguesa, na época, 724.892\$50, importância bastante inferior ao valor estimativo de tão grande conjunto. Em Portugal teriam atingido valores muito mais elevados. Basta que se diga que só os catálogos chegaram a ser vendidos, brochados, em Lisboa, por 600\$00!

*

* *

Quando estávamos em Lisboa, ocasionalmente, como deixamos dito, chegou-nos aos ouvidos a notícia que os representantes dos herdeiros vendiam o recheio da casa de residência e do escritório do extinto. Neste, que visitámos, seguidamente, apenas notámos a existência de poucos livros da biblioteca numismática, pois a maior parte já fora adquirida por um jovem e conhecido coleccionador, mas ainda vimos algumas obras de categoria. E deste remanescente do espólio bibliográ-

fico que adivinhámos ter sido grande, trouxemos uma parte (!) do procurado catálogo de Vidal Quadras y Ramon, tendo a outra parte escapado nas mãos doutro comprador sem qualquer soma de proveito.

Por baixo de uma rima de livros de valor restrito, que compulsávamos sem grande curiosidade, deparou-se-nos um grupo de verbetes, com decalques, de moedas espanholas. Completámo-lo com outros que uma servente, varrendo o chão do aposento naquele momento, nos foi entregando. Pelo exame, a que procedemos, verificámos ter havido na colecção Shore moedas de

Leão e Castela:

- Afonso VI — 1073-1109;
- D. Urraca — 1109-1126;
- Afonso I de Aragão (esposo de D. Urraca);
- Afonso VII — 1126-1157;

Leão:

- Fernando II — 1157-1188;
- Afonso IX — 1188-1230;

Castela:

- Sancho III — 1157-1158;
- Afonso VIII — 1158-1214;
- Fernando III (Santo) — 1230-1252;
- Afonso X (o Sábio) — 1252-1284;
- Sancho IV — 1284-1295;
- Fernando IV — 1295-1312;
- Afonso XI — 1312-1350;
- Pedro I — 1350-1368;
- Henrique II — 1368-1379;
- João I — 1379-1390;
- Henrique III — 1390-1406;
- João II — 1406-1456;
- Henrique IV — 1454-1474;
- Afonso — 1465-1468;

Espanha:

- Fernando e Isabel — 1474-1504-1516;
- Joana e Carlos — 1516-1555;
- Carlos I — 1555-1556;
- Filipe II — 1556-1598;
- Filipe III — 1598-1621;
- Filipe V — 1700-1746;
- Fernando VI — 1746-1759;
- Carlos III — 1759-1788;
- Carloa IV — 1788-1808;
- Fernando VII — 1808-1833.

* * *

Qual não foi o nosso espanto quando, na multidão de verbetes, nos apareceu um, bastante discriminativo, respeitante ao celeberrimo *tornês* de D. Beatriz (1383-1390) e com o decalque, de anverso e reverso, no canto superior direito! Não havia dúvidas, pela comparação a que procedemos, de que se tratava do exemplar que pertenceu a Júdice dos Santos (1). Mesmo, se dúvidas houvesse, o verbete esclarecia que era o *exemplar da coll. Júdice dos Santos. Esta moeda que está collocada na Série portuguesa*, segundo acrescenta ainda o verbete, pelo punho de Mr. Shore, saíu de Portugal em 1906, para voltar seguidamente, e desapareceu, temporariamente, da vista dos coleccionadores, em data que se desconhece.

Não é novidade para os nossos coleccionadores que o *tornês* da filha de D. Fernando e segunda mulher de D. João I de Castela — bela peça com anverso de *cachet* trezecentista e reverso de bonita combinação heráldica — é da maior raridade e, verdadeiramente, conhecido quase só de gravura.

É o exemplar de Júdice dos Santos ligeiramente diferente do da Biblioteca Nacional de Madrid, estudado por Aloïss Heiss (2) e estam-

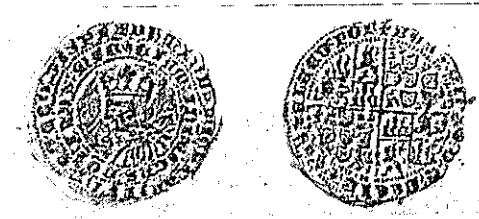
(1) *Collection Joaquim José Judice dos Santos — Première Partie — Monnaies et médailles de Portugal — Monnaies Coloniales, du Brésil, des Indes Portugaises et d'Afrique — Monnaies et médailles de l'Empire du Brésil* — Amsterdam — J. Schulman — 26 Mars 1906 et jours suivants, n.º 145, pl. II.

(2) *Descripción General de las monedas Hispano — Christianas desde la invasión de los Árabes* — tomo I — Madrid — 1865, lam. 9.

pado e descrito por Aragão. ⁽¹⁾ As legendas e o busto pouco variam. Nas gravuras, porém, o exemplar de Espanha, ⁽²⁾ apresenta apenas um S à esquerda do busto enquanto que o de Júdice dos Santos — Robert Shore está ladeado por S — A (SevilhA). Sabe-se, de ciência certa, que a gravura de Heiss está errada (e assim a de Aragão) e que, em ambos, o busto está ladeado por S — A.

Para onde teria ido semelhante espécime de tão grande valor ⁽³⁾ mesmo sob o ponto de vista histórico? Que pena, se levou novamente descaminho para além-fronteiras! E que alegria a nossa, como portugueses e numismatas, se viermos a saber que tal não sucedeu!

FOTOGRAVURA DO DECALQUE EXISTENTE NO VERBETE



Da Colecção Monetária de Mr. Shore

NVMMVS N.º 7

(1) Est. VII e pág. 195 do vol. I da *Descrip. G. e Hist. das moedas cunhadas em nome dos Reis, regentes e governadores de Portugal* — Lisboa — 1874.

(2) Heiss e Teixeira de Aragão reputam-no de prata baixa.

(3) O exemplar de Madrid pesa 320 centigramas ou 66 grãos, e o de Júdice dos Santos, 67 grãos. Foi aquele avaliado por Heiss em 100 pesetas (ouro) e por Aragão em 18.000 réis.

Nota final — «O autor do artigo soube com grande satisfação, já depois de este ter entrado na máquina, que esta raríssima moeda se encontra felizmente em Portugal».